

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro

In the 19th century, Zé Pereiras crossed the Atlantic and transformed the Brazilian Carnival

Au XIXe siècle, les Zés Pereiras ont traversé l'Atlantique et transformé le Carnaval brésilien

En el siglo XIX, los Zés Pereiras cruzaron el Atlántico y transformaron el Carnaval brasileño

Vitor Padilha Mattos
Universidade do Minho
vitorpmattos@gmail.com

Resumo: Manifestação cultural portuguesa com larga tradição, os Zés Pereiras aportaram no Rio de Janeiro, por volta da metade do século XIX, junto a maciça imigração de portugueses ao Brasil. Os Zés Pereiras tiveram um papel fundamental no Carnaval carioca, por pelo menos 60 anos (1850-1910), e são considerados pela historiografia brasileira os precursores do Carnaval de rua e popular no país. Este artigo pretende analisar com se deu a transposição dos Zés Pereiras, das romarias e procissões do Norte de Portugal para o Carnaval brasileiro, além de dissertar sobre as características deste Zé Pereira carnavalesco.

Palavras-chave: Carnaval; Cultura Popular; Migrações; Zés Pereiras.

Abstract: A Portuguese cultural manifestation with a long tradition, the Zés Pereiras landed in Rio de Janeiro, around the middle of the 19th century, along with the massive immigration of Portuguese to Brazil. The Zés Pereiras played a fundamental role in the Carioca Carnival for at least 60 years (1850-1910) and are considered by Brazilian historiography to be the forerunners of the street and popular Carnival in the country. This article aims to analyse the transposition of Zés Pereiras, from the North of Portugal pilgrimages and processions to the Brazilian Carnival, in addition to discussing the characteristics of this carnivalesque Zé Pereira.

Keywords: Carnaval; Popular culture; Migrations; Zés Pereiras.

Résumé: Manifestation culturelle portugaise de longue tradition, les Zés Pereiras ont débarqué à Rio de Janeiro, vers le milieu du XIXe siècle, parallèlement à l'immigration massive de Portugais au Brésil. Les Zés Pereiras ont joué un rôle fondamental dans le carnaval carioca pendant au moins 60 ans (1850-1910), et sont considérés par l'historiographie brésilienne comme les précurseurs du carnaval de rue et populaire dans le pays. Cet article vise à analyser la transposition de les Zés Pereiras, des pèlerinages et processions du nord du Portugal au carnaval brésilien, en plus de discuter des caractéristiques de ce carnavalesque Zé Pereira.

Mots-clés: Carnaval ; La culture populaire; Migrations ; Zés Pereiras.

Resumen: Manifestación cultural portuguesa de larga tradición, los Zés Pereiras desembarcaron en Río de Janeiro, a mediados del siglo XIX, junto con la inmigración masiva de portugueses a Brasil. Los Zés

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

Pereiras jugaron un papel fundamental en el Carnaval Carioca durante al menos 60 años (1850-1910), y son considerados por la historiografía brasileña como los precursores del Carnaval callejero y popular del país. Este artículo pretende analizar la transposición de Zés Pereiras, de las peregrinaciones y procesiones del Norte de Portugal al Carnaval brasileño, además de discutir las características de este carnavalesco Zé Pereira.

Palabras-clave: Carnaval; Cultura popular; Migraciones; Zés Pereiras.

Introdução

Seu barulho ensurdecedor pode ser ouvido de longe. Nome dado ao bombo ou a tocador deste instrumento, o Zé Pereira em Portugal é uma tradição antiga e com forte presença cerimonial, acompanhando ou anunciando as romarias e as suas procissões, principalmente no Norte de Portugal. Foi levado ao Brasil por imigrantes portugueses, por volta da metade do Oitocentos, e quando começa a ser mencionado nos jornais do Rio de Janeiro, já é citado como uma das coisas mais tradicionais do Carnaval carioca. Sua presença vai marcar um antes e um depois na história desta festividade no país. Numa folia antes restrita à elite e os seus bailes de máscaras realizados em teatros, o Zé Pereira é considerado pela historiografia brasileira como o precursor do Carnaval de rua e popular no Brasil.

A maioria dos investigadores aponta que o primeiro cortejo do Zé Pereira no Carnaval do Rio de Janeiro teria ocorrido entre os anos de 1846 e 1852, e seu desaparecimento, entre 1906 e 1908. O folguedo brilharia no Carnaval da então capital federal do Brasil como um cometa, numa trajetória cheia de lacunas e mistérios. Entretanto, antes de sumir, espalhar-se-ia por diversas regiões do país. Através de jornais e revistas de Portugal e Brasil do século XIX e início do XX, e uma revisão bibliográfica das temáticas abordadas, o artigo analisará como se deu esta transposição dos Zés Pereiras, das romarias do Norte de Portugal para o Carnaval brasileiro.

Para isto, começa com uma apresentação do percurso dos Zés Pereiras em Portugal. Na sequência, retrata o Rio de Janeiro no Oitocentos e a grande migração de portugueses ao Brasil durante o período. Segue com a análise da trajetória do Zé Pereira em terras cariocas – seu aparecimento, sua transformação em tradição, o auge do prestígio e seu suposto fim. E termina com uma breve descrição de como o folguedo propagou-se pelo país.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

O Zé Pereira português

Não sabemos precisar quando se começou a utilizar, em Portugal, o nome Zé Pereira como sinónimo de bombo ou zabumba, ou do tocador destes instrumentos, entretanto, é um uso antigo e popularizado. O investigador minhoto José Carlos Loureiro, em artigo publicado nos *Cadernos Vianenses*, cita um texto do jornal *O Viannense*, de 7 de março de 1858, em que fica claro a antiguidade do Zé Pereira na região do Minho, além de expor a forma preconceituosa com que a folgança era vista pelos letrados da época: “tão antiga é essa pratica que nem sabemos de quando é a data; é certo, porém que teve principio em tempos muito pouco cultos, e mais certo o reinar ainda hoje para tormento dos nossos ouvidos” (*apud* Loureiro, 2002: 158).

A primeira menção ao nome, que encontramos documentada, é de Alexandre Herculano. Na revista *O Panorama* de 13 de outubro de 1855 (e que o autor assinalava ter escrito na cidade de Guimarães, em 11 de agosto de 1854), em crónica intitulada *Viagens no Minho*, a narrativa discorre sobre a serra da Falperra, e quase no final do texto, Herculano (1855: 324) cita “o estrepito do Zé Pereira, pio invento da santinonia brachareense”.

Em folhetim de 1864, Júlio Dinis, ao narrar uma festa no campo, escrevia que “ao longe ouvia-se o Zé Pereira”¹. E quatro anos depois, no romance *A Morgadinha dos Canaviais*, o escritor portuense trazia um personagem de nome José do Enxerto, que era “vulgarmente chamado o ti’ Zé Pereira – nome que lhe vinha do popular e ruidoso instrumento, o clássico zabumba, que nas nossas aldeias tem ainda hoje aquele nome” (Dinis, 2000: 87).

Teófilo Braga, em *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, publicado pela primeira vez em 1885, escreve que “Na linguagem chula o bombo é chamado de *Zé Pereira*” (Braga, 1985: 217) . E Ernesto Veiga de Oliveira (2000: 82) indica que a gaita-de-foles, na região do Minho, “aparece sempre associada regularmente a um conjunto de bombo e caixa, conhecido pelo pitoresco nome de *Zé-pereira*”.

Às vezes, quando não se usa o antropónimo Zé Pereira, os grupos de tocadores de bombo e caixa são chamados de *tamborileiros*. E o típico trio musical minhoto, que inclui tocadores de gaita-de-foles, bombo, e caixa de rufo, pode ser também denominado de

¹ *O Jornal do Porto*, 18 de agosto de 1864.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

gaiteiro – na célebre obra de José Augusto Vieira (1886: 68), quando ele menciona a procissão de Corpus Christi de Monção, escreve que “rompe a marcha o célebre *gaiteiro* (orquestra composta d’uma gaita de folles, tambor e bombo)”.

César das Neves (1895b), em *Cancioneiros de Músicas Populares*, afirmava que o zabumba era chamado vulgarmente de “Zé-P’reira”, e que este instrumento era um enorme bombo, que media 0,70 cm de altura por 0,80 cm de diâmetro. Neves dizia que os tamborileiros tocavam e dançavam, “com passo pesado e grave, um rythmo caprichosamente cadenciado n’aquelle instrumento”, e que existiam aldeias que se orgulhavam de terem tamborileiros talentosíssimos (XI). E que não somente nas vilas e aldeias “se conservava a musica ruidosa dos tambores”, pois também nas principais cidades portuguesas estes instrumentos eram utilizados em comemorações de certa importância (Neves, 1985: XII). Armando Leça (1942: 39), em *Da Música Portuguesa*, ressaltava o papel dos “Zés P’reiras (bombos e tambores)” como instrumentos com propósitos exclusivamente rítmicos.

Os Zé Pereiras têm um forte uso cerimonial. Os vigorosos estrondos provocados pelos rufares dos tambores servem, por exemplo, para anunciar o início de uma festa e convocar toda a gente para participar, ou para abrir uma procissão. A escritora inglesa Dorothy Wordsworth Quillinan², que viveu no Porto entre 1845 e 1846, escreveu no seu diário de viagem sobre uma excursão do qual participou, ao *Nosso Senhor do Monte*, em Braga, em que ao chegar se deparou com uma procissão encabeçada por “tamborileiros”.

Aí chegados, deparámos com uma vistosa procissão, bastante pitoresca, com as suas bandeiras de seda, as suas imagens decoradas com ouropéis, levadas em equipagens com idêntica decoração, carregadas sobre varões apoiados nos ombros de vários homens. Estes eram precedidos por uma banda de tamborileiros, que batiam com força e de formas ruidosa na pele dos tambores, e eram seguidos por um cortejo de responsáveis da festa e de público (Wordsworth, 2020: 83).

A tradição da presença dos tamborileiros e gaiteiros nas procissões minhotas vem de longe. Em 1707, na procissão de Corpus Christi de Guimarães, figuraram 3 gaitas-de-folles, seis caixas, dois clarins e um pífaro (A. V. Braga, 1972: 259). José Augusto Vieira, ao descrever a chegada dos romeiros a um santuário minhoto e toda aquela agitação e confusão que a cerca, resalta a importância do Zé Pereira para anunciar a procissão:

² Dorothy “Dora” Howrdsworth Quillinan (1804-1847) era filha do renomado poeta romântico inglês William Wordsworth.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

O sino repica alegremente, a musica vibra triumphante, os morteiros fazem estremecer os alpendres! É a procissão que vae dar volta ao cruzeiro, mas que difficilmente poderia romper o enorme agrupamento humano, se o Zé Pereira, um damnado para estas coisas, não abrisse caminho com as suas evoluções phantasticas! (Vieira, 1886b: 782).

Quanto ao chamado para as festas no Minho, oito dias antes do início da festividade é levantado o mastro, no arraial, “acompanhado em cada dia por repiques de sinos, salvas de morteiros e girândolas de foguetes, com os bombos dos Zés Pereiras a percorrer a freguesia como despertando-a e incitando-a para a festa” (Dias, 1986: 275).

Além disso, os Zé Pereiras atuavam no compasso pascal. Porém, enquanto nas romarias podiam participar mais de 100 tocadores de zabumba³, no primeiro juntava-se um número de músicos bem mais reduzido. No compasso pascal e ocasiões mais simples, “o conjunto compreende apenas [...] um ou dois bombos e outras tantas caixas, de diferentes tamanhos, e um gaiteiro” (Oliveira, 2000: 85–86). Contudo, a associação dos gaiteiros com os Zés Pereiras nem sempre acontecia, seria relativamente recente, e há locais em que eram usados separadamente: “de Basto, Amarante e Baixo Douro Litoral, na região do Porto e mesmo também por vezes no Minho”, os “Zés-pereiras ou tamborileiros de bombos e caixa”, que tocam sem a companhia de instrumentos melódicos, são chamados de “pancadaria” (Oliveira, 2000: 91).

Figura 1 - *Chegada do Zé Pereira à romaria*, José Malhoa, 1905.



Fonte: Blogue do Minho [consulta em 07/03/2023]. Disponível em: <https://bloguedominho.blogs.sapo.pt/mestre-jose-malhoa-chegada-do-ze-14959486>

³ Segundo César das Neves, na festa de São Gonçalo, em Amarante, no ano de 1892 foram contratados 114 tocadores de zabumba para a festa, dos quais compareceram 97 deles (Neves, 1895: XII).

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

A imigração portuguesa no Rio de Janeiro do século XIX

Situada em meio ao verde das montanhas de matas tropicais e o azul do mar, na margem oriental das águas calmas da Baía de Guanabara, o Rio de Janeiro era habitado e disputado por distintas tribos indígenas antes da chegada dos europeus. No início da ocupação portuguesa na América, o local não receberia muita atenção por parte dos portugueses⁴. Contudo, em 1555, o almirante francês Villegagnon invadiria a Guanabara e construiria um forte numa ilha da baía. Em 1560, comandados por Mem de Sá, os portugueses combatem os franceses e destroem a fortificação, mas alguns dos franceses se refugiam junto aos índios tamoios (Bicalho, 2008).

À época, os confrontos entre índios e portugueses já eram bastante comuns e um número grande de índios eram feitos prisioneiros para serem escravizados. Diversas tribos se uniram na *Confederação dos Tamoios* para lutar, junto aos franceses restantes, contra os portugueses – que teriam o apoio de outras tribos indígenas, lideradas pelo chefe temiminó Araraboia. Em 1565, Mem de Sá funda a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. E, em janeiro de 1567, acontecem os combates derradeiros, com os franceses e tamoios sendo derrotados. As aldeias destes últimos são incendiadas e suas populações, dizimadas (Guaracy, 2016: 165–180).

Em 1763, o Rio de Janeiro tornava-se a capital da colônia portuguesa na América. E, pouco mais de quarenta anos depois, em 1808, o rei português, D. João VI, aportaria na Baía de Guanabara. Trazia consigo um contingente estimado entre 12 e 15 mil pessoas, em mais de 50 embarcações. Na época, a população do Rio de Janeiro contava com pouco mais de 60 mil habitantes (Schwarcz & Starling, 2018: 166-167). A cidade transformaria-se no epicentro de um império colonial que possuía, além do seu berço ibérico e do seu enorme território sul-americano, praças na África e na Ásia.

O Rio de Janeiro de então era um município acanhado e insalubre (Mauro, 1991: 10). Com a mudança da elite burocrática portuguesa para os trópicos, a cidade ganharia melhorias em sua iluminação pública, na pavimentação de ruas e na qualidade e embelezamento de seus prédios e casas. Mais importante ainda seriam o fim de restrições

⁴ Método de dominação de uma nação sobre outra por meios territoriais, culturais e económicos, o colonialismo atualmente vem sendo repensado e recontado de forma crítica, principalmente por autores das regiões exploradas nos períodos coloniais e imperialistas, através de conceitos como o de *colonialidade* e *decolonialismo*. Ler, por exemplo, Quijano (2005), Ballestrin (2013) e Assis (2014).

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

impostas a colónia – como a proibição de ter manufaturas, imprensa e escolas de ensino superior –, a fundação do Banco do Brasil, da Biblioteca Nacional, e a abertura dos portos brasileiros às nações amigas⁵.

Em 1821, D. João VI, forçado pelos desdobramentos da Revolução Liberal do Porto, no ano anterior, voltava enfim a Portugal. Entretanto, o seu herdeiro, D. Pedro, permaneceu no Brasil e, em 1822, declarou a independência da colónia, que dessa maneira tornar-se-ia a única nação americana que com a libertação da metrópole não se transformaria imediatamente numa república. Em 1831, D. Pedro I do Brasil abdicava do trono brasileiro para retornar a Europa e derrotar o seu irmão D. Miguel, garantindo as conquistas liberais portuguesas e tornando-se D. Pedro IV de Portugal.

Nesta época, o Brasil começava a viver um novo ciclo económico baseado na exportação de café. E mesmo com a proclamação da independência do Brasil em relação a Portugal, a corrente migratória de cidadãos portugueses à ex-colónia cresceria significativamente durante o século XIX. Influenciado pelo crescimento económico brasileiro, a progressiva urbanização e os grandes avanços nas comunicações (navegação, telégrafo e correios), as condições emigratórias oitocentistas seriam mais vantajosas que no período colonial (Alves, 2000: 297).

Esta emigração sairia principalmente da região Norte de Portugal, maioritariamente masculina e constituída por jovens solteiros, mas no decorrer do século esta composição foi tornando-se mais heterógena, aumentando a percentagens de emigrantes de mais elevadas faixas etárias, de mulheres e de pessoas casadas, que emigravam em família (Alves, 1993). Havia, durante o Oitocentos, dois principais tipos de emigração para o Brasil, social e economicamente distintos: urbana e rural. A primeira estava ligada a sectores de mercado que os portugueses dominavam ou tinham importantes participações, como o comércio, a construção civil, organização bancária e de seguros, e transportes, e tinha o Rio de Janeiro como destino principal. O emigrante vinha, geralmente, indicado por algum parente ou conhecido já estabelecido. Enquanto na outra ponta, os trabalhadores angariados para a labuta nas fazendas rurais sofriam com os baixos salários, más condições de trabalho e contratos desvantajosos (Alves, 2000: 299).

⁵ Sobre a questão cultural, ler Meirelles (2017). Em relação ao período específico de D. João VI no Brasil, incluindo os aspetos políticos e económicos, ver Lima (1996). Esta obra de Oliveira Lima foi publicada, pela primeira vez, em 1908.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

As redes comerciais instaladas entre os países, as poucas oportunidades em suas regiões de nascença para os filhos que não eram os morgados da terra, e as experiências de sucesso de alguns retornados que voltavam tendo acumulado certa ou muita fortuna constituíam para muitos um apelo quase irresistível para a aventura da emigração. A maioria ia com a intenção de voltar a Portugal, poucos anos depois, tendo acumulado algum capital. E o nível de retorno era relativamente alto, entre 40 e 50%, sendo que a maioria dos que retornavam faziam-no depois de estadias curtas de três ou quatro anos. Quanto mais longo o período no Brasil, menos certo tornava-se este retorno (Alves, 2000: 302–303).

Um imigrante atraía outro, numa reação em cadeia. E o Minho liderava este movimento. Como argumentava a *Revista Universal Lisboense*, em 1843:

A razão da maior emigração da gente do Minho encontra-se facilmente no grande numero de negociantes e lojistas d'essa Província, que hoje se acham estabelecidos no Rio de Janeiro, e n'outros portos, os quaes pelas suas relações de parentesco, vizinhança e amizade atrahem muitos mancebos aquella corte, onde são quasi exclusivamente empregados como caixeiros em lojas e armazens⁶.

O Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX era uma cidade calorenta, húmida e abafada. Emparedada entre montanhas, poucos se aventuravam a caminhar por suas estreitas ruas entre o meio-dia e às três da tarde. Quando o sol se punha, as temperaturas caíam abruptamente. Essas condições higiénicas e climáticas propiciavam a proliferação de doenças e a tuberculose era responsável por um quinto dos internamentos. Não acostumados com o clima, os emigrantes portugueses representavam o maior contingente destes doentes (Mauro, 1991: 17).

Em 1863, calculava em torno de 60 mil o número de portugueses vivendo na capital do Brasil⁷. Nove anos depois, em 1872, quando é realizado o primeiro censo demográfico do País, o Rio de Janeiro contava com uma população de 274.972 habitantes (IBGE, 2022). O número de portugueses e a população da cidade continuariam a crescer de forma exponencial até o fim do século. Em 1890, o município já possuía uma população de 522.651 habitantes. Um crescimento de 90,1% em relação ao censo anterior, realizado 18 anos antes. Destas, 106.461 pessoas eram portuguesas (20, 36% da população). Brasileiros filhos de pai ou mãe portuguesas somavam mais 161.203 pessoas (30,84% da

⁶ *Revista Universal Lisbonense*, 1843, III tomo, p. 231.

⁷ *Correio Mercantil*, 25 de abril de 1863.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

população). Ou seja, no total, 267.664 pessoas (51,2% dos habitantes do Rio) eram portugueses natos ou filho de lusos (Barroso, 2002: 89).

A título de comparação, em 1890, Lisboa, a maior cidade portuguesa, possuía 301.206 habitantes e Porto, a segunda maior, 138.860 pessoas (Rodrigues & Ferreira, 1991: 299). Na viragem para o século XX o Rio de Janeiro chegaria a 811.443 habitantes, um aumento de 55,3% em apenas uma década (IBGE, 2022).

O Zé Pereira cai na folia do Carnaval carioca

Antes do aparecimento dos Zés Pereiras na folia carioca, o bombo já era utilizado no Brasil há algum tempo. “Em 1837 o padre Lopes Gama informava que o Bombo ou Zabumba chegara ao Recife no governo do General José César de Meneses, 1774-1787” (Cascudo, 2005: 177). Numa nota sobre uma festa numa casa de família em Macaé, na província do Rio de Janeiro, de 1856, as predileções por determinados instrumentos denunciavam a origem tipicamente portuguesa (e, mais especificamente, do Norte) de um dos presentes, o senhor Domingos:

A música não passava de um zabumba forrado só de um lado, e o musico que o tocava, sr. Cantagallo, houve-se com tal pericia, que se fez ouvir por toda a cidade. O sr. Juca serviu de mestre sala: o prazer na casa era geral, só o sr. Domingos é que lamentava a falta da gaita de folles, que tanto o deleitara em sua travessa mocidade: são cousas deste mundo, não há prazer completo⁸.

Na historiografia do Carnaval brasileiro acredita-se que o primeiro cortejo de Zés Pereiras em solo carioca, em dias de folia carnavalesca, teria ocorrido entre os anos de 1846 e 1852⁹. Contudo, não há fontes primárias que documentem esta estreia e os anos iniciais do folguedo. A primeira menção que encontramos associando diretamente os Zés Pereiras ao Carnaval carioca aparece no jornal *O Portuguez*, do dia 2 de março de 1865. E assim como o texto da revista *Semana Illustrada*, do Carnaval de 1866, sempre citada pela historiografia, há duas semelhanças nelas que saltam aos olhos. Ambos se referem ao folguedo como “José Pereira”, sem a maior informalidade e proximidade do “Zé”. E também nos dois, o Zé Pereira já aparece como algo corriqueiro, tradicional e característico do Carnaval carioca.

⁸ A *Pátria*, 09 de janeiro de 1856.

⁹ A primeira data é defendida por Eneida de Moraes (1958: 46) e a segunda, por Luís Edmundo (2003: 375).

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

No texto da *Semana Illustrada*, o Zé Pereira é louvado. No balanço do Carnaval carioca recém-terminado que a revista fazia, os Zé Pereiras são bastante elogiados e considerados como um dos elementos mais representativos do Carnaval do Rio:

Uma das cousas mais características do nosso carnaval é o chamado José Pereira. A cousa não é feia, é mesmo muito bonita, e muito barata: um zabumba, alguns tambores, e dahi nasce uma doce harmonia, que encanta os ouvidos, não móe a paciencia do proximo, e atrahe os suffragios dos moleques. É uma cousa muito divertida!¹⁰

Essa boa vontade com o folguedo nestes seus primeiros anos, pelo menos por boa parte da imprensa, tinham os seus motivos. José Vieira Fazenda (1921: 327) deixava claro o pensamento que muitos intelectuais e políticos compartilhavam sobre os Zés Pereiras, desde que ele apareceu: ter sido útil para distrair o povo das brutalidades do Entrudo¹¹. Trazido pelos colonizadores portugueses, o primeiro registo sobre o Entrudo no Brasil dar-se-ia ainda no século XVI (Silva, 2000: 13). Considerada uma recreação bárbara e perigosa, houve constantes tentativas de reprimi-lo ainda durante o período colonial, até que seria finalmente proibida a sua prática no Rio de Janeiro, em 1854¹².

A importância dos Zés Pereiras neste início do Carnaval de rua da cidade do Rio de Janeiro é indiscutível. Junto com as sociedades carnavalescas e os “máscaras avulsos”¹³, a partir da década de 1850 os Zés Pereiras ajudariam a que folia carnavalesca deixasse de

¹⁰ *Semana Illustrada*, 18 de fevereiro de 1866.

¹¹ Em Portugal, até meados do século XIX, as antigas práticas carnavalescas eram chamadas de Entrudo. Somente durante o Novecentos que a denominação Carnaval – mais associada aos bailes de máscaras e desfiles de carros alegóricos de cidades italianas e francesas, como Roma, Paris e Nice – também começaria a ser usada no país. Não há um modelo único de Entrudo em Portugal (Ralha, 2016: 156). Segundo Maria Pereira de Queiroz (1992: 30), o termo significava “entrada”, com os festejos motivados pela chegada da primavera. Ainda de acordo com a autora, o Entrudo português possuía algumas características mais ou menos constantes, que seriam: um boneco chamado Entrudo, que no final do desfile, era “enterrado”; o consumo de iguarias à base de carne de porco; farras entre jovens de ambos os sexos ou entre famílias, com borrifadas de água ou “mesmo de líquidos repugnantes”, e “arremesso de farinha, de cinzas, de lama”; grupos de mascarados percorrendo as aldeias, fazendo algazarra, cantando e tocando instrumentos, como tamborins; e danças e bailes tradicionais (*Ibid.*).

No Brasil, o Entrudo também tinha as suas variações. Contudo, algumas práticas predominavam, como “as brincadeiras de jogar água e molhar as pessoas” – banhos que podiam vir acompanhados de farinha de trigo, polvilho e ovos (Araujo, 2011: 45). Existia o Entrudo familiar – realizado dentro de casa, entre familiares e amigos – e o popular – vivido nas vias públicas. No segundo, quem passasse distraído pela rua, dependendo de quem fosse, poderia ser vítima de um balde d’água arremessado do balcão de um sobrado (Ferreira, 2004: 79–93);

¹² *Correio Mercantil*, 14 de janeiro de 1854.

¹³ Nome dados aos indivíduos que não pertenciam a nenhuma agremiação, mas que, individualmente, se fantasiavam e saíam as ruas para brincar o Carnaval.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

acontecer unicamente dentro dos teatros e a ser de usufruto exclusivo das elites, para ganhar as ruas e a participação popular, transformando-se numa festa muito mais democrática.

O Zé Pereira foi o “carnaval do povão” (Araújo, 2003: 93). Ou, como definiu Eneida de Moraes:

Êle foi essencialmente o carnaval do pobre. Tão fácil, no meio da miséria reinante, nessa crise que parece acompanhar e perseguir o brasileiro através dos anos, sair à rua com bombos e tambores, uma camisa qualquer, uma calça de qualquer espécie e fazer barulho, alegrar com um ritmo efusivo as ruas e os bairros, andar por aí ao som de ruídos, rindo e divertindo os outros enquanto se divertem a si mesmos, com o tumulto de um ruído que nem sequer é música mas proclama alegria, que conclama os foliões para os devaneios e as loucuras carnavalescas (Moraes, 1958: 48).

Uma das primeiras crónicas descrevendo os desfiles de Zés Pereiras seria publicada na mesma data do famoso texto da *Semana Illustrada*, em 1866, na revista *Bazar Volante*¹⁴. Assinada por Sesostis¹⁵, propunha-se a desenhar as diferentes faces do Carnaval carioca, e revelava um pouco da composição social dos integrantes dos Zés Pereiras cariocas e de como se dava o cortejo, descrevendo o porta-estandarte, os instrumentos e os vestuários dos componentes.

Pelo texto, vê-se que o Zé Pereira retratado por Sesostis desfilava não só com instrumentos percussivos, mas também com a adesão de alguns de sopro; que possuíam porta-estandarte e vestuários simples e chistosos; e que eram compostos por trabalhadores braçais. Fica nítido também o desdém com que os intelectuais olhavam para muitas das manifestações da cultura popular, consideradas toscas, simplórias e de mau gosto¹⁶.

A elite intelectual colocava-se no papel de controladores do que seria aceitável ou não, pois só eles teriam as ferramentas de gosto e sofisticação para referendar estas atividades (Cunha, 2002: 392). As brincadeiras populares seriam demasiadamente barulhentas, desordeiras, primitivas, vulgares, grosseiras, medíocres e sem espírito, entre

¹⁴ “Carnavallogia”, in *Bazar Volante*, 13 de fevereiro de 1866.

¹⁵ Evidentemente, é um pseudónimo. Sesostis é o nome de um lendário rei do antigo Egito que, segundo Herótodo, liderou uma expedição militar em partes da Europa.

¹⁶ Em *O Carnaval das Letras: os literatos e a história da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*, o historiador Leonardo Pereira (1993) analisa como o Carnaval tornou-se a principal festa popular do Rio de Janeiro, através de textos de destacados literatos brasileiros da época, como Olavo Bilac e Coelho Neto. Esta obra mostra vários exemplos deste desprezo dos intelectuais pelas manifestações populares, das quais achavam que tinham o direito de referendar ou não.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

outros adjetivos. Além de despertar receio de que gerassem confusões e violência. Esta visão vai permear a trajetória do Zé Pereira no Carnaval brasileiro.

Na edição seguinte da *Bazar Volante*, o mesmo Sesostis retratava com ainda mais detalhes um cortejo de Zé Pereira¹⁷. O seu relato exaltava muitas vezes o folgado, entretanto, é difícil qualificar o quanto de ironia tem nestes elogios, pois a narrativa também destila preconceitos e escárnios em relação ao Zé Pereira. Era claro o incómodo que a diversão da plebe causava no autor.

Este texto tem passagens exatamente iguais ao de uma crónica do *Correio Mercantil*, de 23 de fevereiro de 1868, assinada por Osiris¹⁸. Ambos dizem que o Zé Pereira é “o grande prato de carne cozida do banquete carnavalesco”; recontam uma mesma experiência pessoal do escritor dos textos com o Zé Pereira, em que o autor adere a um grupo desses na rua e, entorpecido pelo desfile, quando dá conta de si, já estava na Gamboa; e, no fim, ressaltava a embriaguez reinante, ao comentar que “A tropa que fechava o Zé Pereira já arrastava a língua e não dizia coisa com coisa”. Por conta dos muitos trechos idênticos, percebe-se que os escritores por trás dos textos assinados por Sesostris e Osiris, além de amantes da cultura do Antigo Egito, eram a mesma pessoa: o jornalista França Júnior¹⁹.

França Júnior começa por relatar o traje daquele que seria o porta-estandarte deste Zé Pereira:

um carniceiro que trajava uma casaca esfarrapada virada pelo avesso com botões de pães de ralla, dragonas de alhos, uma calça preta com remendos de papel branco e cartas de jogar, e um chapéu encapellado, de cuja cópia sahía um abano, onde se lia em lettras garrafaes: 20:000 \$rs.²⁰.

Este açougueiro vinha na frente do séquito, carregando a bandeira do grupo que, geralmente, constituía-se “em uma esteira velha de pataca com uma inscrição qualquer [...] pendurada em um grande bambú enfeitado com latas de graxa, e toda a qualidade de trapos de diversas córes [...]”. Depois da bandeira vinham os bombos, usualmente três. E aqui França Júnior destila o seu desprezo de classe, ao dizer que os bombos eram

¹⁷ “Eu e os Zés Pereiras”, in *Bazar Volante*, 18 de fevereiro de 1866.

¹⁸ Deus do julgamento, na mitologia egípcia.

¹⁹ Joaquim José de França Júnior (1838-1890) foi advogado, dramaturgo, jornalista e pintor. Foi colaborador dos dois veículos. O texto do *Correio Mercantil* seria reproduzido em *Políticas e Costumes: Folhetins Esquecidos (1867-1868)*, publicado em 1957.

²⁰ *Bazar Volante*, 28 de fevereiro de 1866.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

“tangidos por valentes carniceiros, que se servem neste dia com a prata da casa, isto é, vestem-se de capim; o que fez um gaiato, vendo um d’elles quando passava o Zé Pereira pela rua do Ouvidor – *Aquella, depois do carnaval, come a roupa*”.

Os tocadores dos tambores, que vinham após os bombos, vestiam trajes variados: um vestia uma calça de mouro com um rodapé de *princez*; aquele, um capacete gaulês encapelado sobre uma máscara de arame e botas de montar; outro, vestia-se de mulher, “pondo em cima de si quanto trapo encontrou em casa”; tinham os que só usavam máscara. Depois dos tambores seguiam as flautas rachadas, as rabecas, os ferrinhos, e “toda a especie de instrumentos de tortura, que se tem inventado contra o tympano. Estes vão acompanhando, gingando com o corpo, o compasso ternario dos bumbos e tambores”. E arrematava: “E qual o mortal que vendo o Zé Pereira, não o acompanha?!²¹”.

Na crónica do *Correio Mercantil* – publicada posteriormente em livro, quase um século depois – França Júnior diria que “Os costumes dos tambores são de sujeitos sem costumes” e, em relação aos trajes dos integrantes, aproveitava para ser irónico, ao dizer que: “As barrigas indecentes, os enchimentos posteriores ainda mais indecentes e os letreiros que trazem nos chapéus são dignos de se ver” (França Júnior, 1957: 175).

Na descrição do cortejo feito por França Júnior estão presentes algumas das características que fizeram com que a historiadora Maria Clementina P. Cunha (2001: 48) afirmasse que o Zé Pereira representava uma faceta do Entrudo português. A historiadora enumera alguns destes elementos, como “o ritmo (que revitalizava as danças tradicionais, como as de velhos), a ridicularização carnalizada das classes superiores (no vestuário alusivo aos signos da hierarquia social ou no volume ‘senhorial’ das barrigas), a pilhéria direta e a alusão pessoal presentes nos dizeres pregados aos chapéus”, além “do enfeite de pães e alhos, que rememoravam sua tradicional característica glutona”.

França Júnior usaria uma sentença que retrataria bem o estrato social dos componentes da brincadeira: “Os Zés Pereiras tramam-se nos cortiços; em cortiços são discutidos e saem dos cortiços. Eis porque êles reúnem em si a nata do quarteirão” (França Júnior, 1957: 175). Ao fazer esta afirmação, o escritor ressaltava o carácter popular do folguedo e sua diversidade étnica. No Brasil, cortiço era um grupo de habitações reunidas para moradia de pessoas economicamente desfavorecidas, em que conviviam brancos e

²¹ *Ibid.*

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

negros pobres, entre trabalhadores, vadios, prostitutas e lavadeiras, em áreas reduzidas em que dividiam espaços e solidariedades (Cunha, 2002: 392). Este é um dado relevante para evidenciar questões deste Zé Pereira que ia se desenvolvendo na folia carioca, pois seu caráter popular e o espaço onde foi germinado estimulam algumas considerações.

A primeira é que, trazido por imigrantes portugueses, não eram todos eles que participavam destes séquitos, e sim, aqueles de uma posição social específica: os trabalhadores braçais, como citava França Júnior: “os aguaceiros, carroceiros e carneiros” da cidade do Rio de Janeiro. Existiam portugueses nos mais diversos grupos sociais da corte. Apesar da grande percentagem de retorno à pátria-mãe, houve plena integração dos portugueses na sociedade brasileira, com os emigrantes enquadrando-se no mercado de trabalho e obtendo posições de liderança ou patronato nas atividades económicas, que refletiam também em investimentos imobiliários e propriedades rurais, e com a segunda geração a galgar espaço social no Brasil. Os portugueses eram encontrados “em todos os estratos sociais, nunca faltando nas elites” (Alves, 2000: 301–302).

Esta presença portuguesa manifestava-se também no Carnaval carioca. Por exemplo, uma nota do *Jornal do Commercio*, de 1867, anunciava que participaria do desfile dos Tenentes do Diabo daquele dia “o senhor D. Bras Coelho de Sotto Maior, rico morgado de Entre-Douro e Minho, e que apesar dos seus muitos fóros de nobreza, quis entrar na folia como qualquer plebêo”²². Nestas prestigiadas sociedades carnavalescas, que desfilaram pela primeira vez no Carnaval carioca em 1855, muitos de seus associados eram lusos²³.

A segunda questão a ser destacada é que, tramado nos cortiços, como disse França Júnior, nestes espaços em que conviviam negros e brancos pobres, prostitutas e lavadeiras, gente trabalhadora e vadia, germinará o hibridismo cultural. O argentino Néstor Garcia Canclini, que explora o fenómeno da hibridização, não considera a cultura

²² *Jornal do Commercio*, 02 de março de 1867.

²³ Maiores atrações do Carnaval carioca da segunda metade do século XIX, as sociedades carnavalescas reuniam principalmente indivíduos com dinheiro ou prestígio. Caracterizavam-se pelo esplendor e organização dos seus séquitos, que faziam críticas de política e costumes, e o luxo de suas alegorias e fantasias (Cunha, 2001: 23). As três sociedades mais famosas eram os Tenentes do Diabo, o Clube dos Democráticos e os Fenianos. Esta última, fundada em 1869, recebeu o nome de um movimento político pró-separatista irlandês. Em 1904, na cidade do Porto, em Portugal, seria inaugurado o clube carnavalesco Fenianos Portuenses – que, como o nome indica, teria influência da folia carioca.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

popular como propriedade ou invenção de um único grupo social. Para Canclini, (1992: 205), “O popular se constitui em processos híbridos e complexos, utilizando como signos de identificação elementos procedentes de diversas classes e nações”.

Ao deixar as cerimónias religiosas, como as procissões das romarias portuguesas, para o Carnaval brasileiro, uma celebração profana, há uma primeira transformação. E durante o decorrer do tempo, este Zé Pereira carnavalesco receberá contribuições estéticas e rítmicas de outras etnias²⁴. Numa crónica pós-Carnaval de 1868, também no *Correio Mercantil*, França Júnior (1957: 175) já apontava que os Zés Pereiras não eram mais os mesmos. Exemplificava com a substituição do material do estandarte, de bandeiras de esteiras velhas por retalhos de colchas, e o que achava ainda mais absurdo: um *chicard* ser o carregador do porta-estandarte²⁵.

Ainda no final da década de 1860, os Zés Pereiras começariam também a aparecer nas sociedades carnavalescas. Estas passariam a chamar de Zé Pereira os seus préstitos menores, e também usariam de grupos de zabumba na frente de seus cortejos maiores e para animar os bailes carnavalescos em suas sedes.

Figura 2 - Anúncio de baile de Carnaval do Club dos Fenianos do Rio de Janeiro, 1882.



Fonte: *Gazeta de Notícias*, 19 de fevereiro de 1882, [consulta em 07/03/2023]. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_02&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=33

32

²⁴ Eugênio Soares (2002), por exemplo, narra a presença de capoeiras em cortejos de Zés Pereiras na década de 1880. Os capoeiristas eram utilizados para defenderem o porta-estandarte do seu grupo ou ajudarem a tomar a bandeira de um grupo rival.

²⁵ *Chicard* era uma fantasia de um personagem criado para os bailes de máscaras franceses, muito popular no século XIX.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

Barulhento, alegre e divertido, os Zés Pereiras não deixavam ninguém ficar indiferente. E, em 1869, depois da estreia da peça *O Zé Pereira Carnavalesco*, o folguedo tornar-se-ia um verdadeiro ícone do Carnaval brasileiro. Concebida por Francisco Correia Vasques, ator carioca nascido em 1839, era uma montagem de teatro ligeiro, estilo teatral que misturava cabaré, com espetáculos de feira e circo (Cunha, 2002: 371). A apresentação era uma cena cômica que parodiava *Les pompiers de Nanterre*, que havia feito sucesso naquele mesmo ano, no teatro Lyrique Français, também no Rio. O que passaria para a posteridade, porém, seriam os versos cantados entre um diálogo e outro, construídos por Vasques em cima da melodia da música da peça francesa. Até então as batidas dos Zé Pereiras cariocas não produziam qualquer tipo de música, “apenas um estrondar compassado” (Tinhorão, 1991: 115). Através das quadrinhas e estribilho compostos por Vasques, finalmente aquelas batidas ganhavam acompanhamento.

Depois de estabelecer-se, entre as décadas de 1850 e 1860, como um dos folguedos precursores do nascente Carnaval de rua do Rio de Janeiro, do enorme sucesso da peça teatral e de sua incorporação nas sociedades carnavalescas, os Zés Pereiras viveriam o auge de sua popularidade nas duas décadas seguintes, verificado pelas quantidades de citações na imprensa e no número de grupos que desfilavam. Em 1878, ao escrever sobre o folguedo, um cronista afirmaria: “É o Zé Pereira, o immortal Zé Pereira a feição mais característica do velho entrudo e ainda do moderno carnaval.”²⁶. E o próprio Vasques, na *Gazeta da Tarde*, em 1884, ao saudar o Carnaval que se aproximava, dizia que “Braços vigorosos já se acham há muito em exercício para que se não perca o compasso do legendário Zé Pereira”²⁷.

Chamado de imortal e legendário por alguns, em outros textos a linha entre o elogio verdadeiro e a ironia era tênue. Em 1877, num texto da *Gazeta de Notícias*, o autor declarava que “o Zé-pereira é único, inimitável, circumspecto e hygienico”²⁸. Outro folhetim deste mesmo jornal, agora em 1879, intitulado “Zé Pereira – História sentimental e philosophica”, personalizava a história do folguedo em terras cariocas, transformando-o numa pessoa de carne e osso. Com humor, mas também com relatos fortes, criava toda uma história para este indivíduo ficcional, baseado no estrato social e trajetórias de vida

²⁶ *Jornal do Commercio*, 18 de abril de 1878.

²⁷ *Gazeta da Tarde*, 14 de fevereiro de 1884.

²⁸ *Gazeta de Notícias*, 23 de janeiro de 1877.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

daqueles que saíam pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, no Carnaval, tocando bombos e caixas de rufo.

O autor afirmava que o Zé Pereira nasceu numa estalagem e se fez carroceiro. Tinha vida difícil, trabalhava mais que um burro e, num belo dia, “ele que por ser portuguez e não ser ainda barão ou visconde, não podia intrometter-se na existencia politica do Brazil, elle, n’uma vespera de carnaval, viu-se tomado de uma idéa e decidiu também divertir-se”. Na sequência, narra como teria sido seu primeiro cortejo: “Arranjou n’um funileiro rheumatico uma caixa velha de folha de flandres, desenterrou uma esteira em que já morrera, havia mezes, um irmão que viera do Minho em busca de febre amarella, e da esteira fes uma bandeira”.

Prosseguia dizendo que o Zé Pereira forrou os ombros com uma manta esfarrapada, chamou outros de seus amigos carroceiros, com o pau da vassoura prenderam a bandeira, juntaram mais casacas compradas aos belchiores e panelas de ferro, e saíram às ruas, partindo da Gamboa – bairro da região portuária do Rio, habitada por trabalhadores de baixa renda. Complementava afirmando que o primeiro carroceiro que saíra da Gamboa e do Saco do Alferes com destino à rua do Ouvidor “não sabia que erguia um grito de guerra e que era o Christo litterario e politico d’estes dias! Porque, senhoras, tudo quanto hoje não é Zé Pereira, nada é e nada vale”²⁹.

O Rio de Janeiro moderniza-se

Na primeira década do século XX, a economia brasileira vivia um momento favorável, com o aumento da produção de café e uma nascente industrialização. Embalados pelos pensamentos positivistas, a república ainda incipiente procuraria seguir os ideais de civilização e progresso vigentes à época, enquanto enfrentava graves problemas sociais (Schwarcz & Starling, 2018). Sua capital, o Rio de Janeiro, experimentava um rápido e desordenado crescimento demográfico. Na região central da capital, a população de baixa renda coabitava em condições insalubres, como nos cortiços. O que somado às ruas estreitas e abafadas, e a falta de saneamento, eram um cenário ideal para a proliferação de pestes. Constantes epidemias de cólera, varíola e febre amarela

²⁹ *Gazeta de Notícias*, 25 de fevereiro de 1879.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

havia conferido ao Rio a nada agradável alcunha de “túmulos dos estrangeiros” (Sevcenko, 1999: 22).

Em meio a este quadro, em 1902, Francisco de Paula Rodrigues Alves assumia a presidência do país. Nascido em Guaratinguetá-SP, em 1848, o paulista era filho do minhoto Domingos Rodrigues Alves, nascido numa freguesia de Ponte de Lima, e que havia migrado ao Brasil em 1832. Aproveitando os ventos favoráveis da economia, o governo de Rodrigues Alves iria executar um intenso programa de obras públicas, com o intuito de atrair imigrantes, investimentos financeiros e alterar a imagem negativa do país no exterior. Como o Rio, a capital federal, era a vitrine do país, Rodrigues Alves priorizaria a modernização da cidade e, para isso, seriam definidos três eixos principais: a modernização do porto, o saneamento e as reformas urbanas (Esteves, 2019: 198-217).

A ampla Avenida Central (atual avenida Rio Branco), inaugurada em 1905, substituiria a estreita rua do Ouvidor como a principal passarela do Carnaval de rua do Rio de Janeiro. E, em 1907, numa crônica publicada na revista Kosmos, o poeta Mário Pederneiras exaltava as “coisas novas e civilizadas” e dava o Zé Pereira como extinto:

Deves também sentir a falta incompreensível do teu saudoso Zé Pereira, atordoando os ares com aquelle incançavel zabumbar alegre e forte. O Zé Pereira era a symphonia do Carnaval. Punha formigueiros ás pernas trefegas dos cariocas, remechia-lhes o corpo em bamboleios e acendia-lhes no olhar a chamma rubra do prazer.

Mezes antes, tu já ouvias, a maior parte das vezes, pelos môrros em passeiadas de ensaio, e o rufo miudo daquellas caixas, o bater compassado e sêcco daquelles bombos, era o sinal da alegria que vinha, da loucura que se aproximava, da florescencia vermelha das festas classicas de Momo (Pederneiras, 1907: 19).

Para a historiografia das décadas seguintes, seu relato seria uma prova inquestionável de um Zé Pereira falecido. Porém, este desaparecimento não foi abrupto, mas gradual. Somente na década de 1940 é que realmente não teríamos mais menções aos Zés Pereiras no Carnaval carioca na imprensa local (Mattos, 2022: 140). E diversos grupos que, nestas primeiras décadas do Novecentos, seriam denominados como cordões e blocos carnavalescos, tinham séquitos com características bastantes semelhantes aos dos antigos Zés Pereiras.

Os anos 30 assistiriam, e não por coincidência, ao samba tornar-se a música hegemônica do Carnaval carioca e a se transformar na música nacional do Brasil. O samba representava como ninguém este Brasil miscigenado e alegre, e num contexto de preocupação com a unidade e a busca de uma identidade nacional, e impulsionado pelo

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

crescimento da indústria fonográfica e do rádio, rapidamente se espalharia pelo país, a partir do Rio de Janeiro (Lopes, 2003). A partir de meados da década de 1940, as escolas de samba já constituir-se-iam na principal imagem do Carnaval carioca e do Brasil (Cabral, 1996).

Os Zé Pereiras, contudo, deixariam milhares de herdeiros em cordões e blocos da cidade. Além disso, neste momento já se faziam presentes de Norte a Sul do Brasil, com características diversas, tanto na questão musical quanto na apresentação. O mais antigo Zé Pereira fora do Rio seria o do Club dos Lacaiois, de Outro Preto, fundado ainda no século XIX³⁰. Em Florianópolis, capital de Santa Catarina, o Zé Pereira desfila pelas ruas desde 1895 (Silveira, 2010). Lá, como em outras localidades brasileiras, o Zé Pereira funciona também como o prenúncio do Carnaval.

Em Itaberaí, Goiás, o Zé Pereira é caracterizado pelos foliões mascarados e, em Inhumas, pelos homens vestindo trajes femininos (Faria, 2015). Em Recife e em Olinda, Pernambuco, o sábado de Carnaval é denominado de “Sábado do Zé Pereira” (G1, 2018). Em Teresina, Piauí, o *Curso do Zé Pereira* é atualmente considerado o maior curso do mundo, segundo o *Guinness Book* (Revista Direito Hoje, 2020). E em São Bento do Sapucaí, no estado de São Paulo, desde 2020 existe o *Museu do Zé Pereira* (São Bento Turismo, 2023).

Considerações Finais

No século XIX, o Brasil era encarado como uma terra de oportunidades, em que muitos portugueses depositaram a esperança de mudar de vida. Num período de grande deslocamento de pessoas entre as antigas metrópole e colônia, a migração portuguesa para o Brasil antigiria números elevados, num fluxo constante, ano após ano, o que levaria a capital federal do Brasil, o Rio de Janeiro, a ter um número de portugueses e descendentes diretos compatíveis com os das populações de Lisboa e do Porto, as duas maiores cidades de Portugal.

O Norte de Portugal era a região que mais enviava gente para o Brasil. Estes emigrantes, além dos seus sonhos, carregavam consigo as suas tradições culturais. A arte

³⁰ Seu estatuto e bandeira assinalam o ano de 1867 como o de fundação – porém outros autores defendem o ano de 1896 (Gomes, 2018: 111–112). Ainda em Minas Gerais, em Rio Novo, o Zé Pereira teria surgido em 1907 (Xavier, 2010).

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

de rufar tambores deixaria as romarias e as procissões portuguesas para fazer parte da folia carioca e transformar o Carnaval brasileiro. Os Zés Pereiras levariam o Carnaval para as ruas, acabando com a exclusividade do divertimento carnavalesco apenas para as classes favorecidas, com seus bailes de máscaras realizados em teatros, e caindo nas graças do povo. Aos poucos, forjado nos cortiços e subúrbios cariocas, entre trabalhadores braçais, brancos e negros desfavorecidos, e na mais popular das festas profanas, o Carnaval, moldar-se-ia uma manifestação cultural já distinta da encontrada nas romarias portuguesas.

Exemplos de resiliência, apesar das críticas das elites, os Zés Pereiras continuam a encantar e a entreter multidões, com o barulho característico e ensurdecedor do rufar de seus tambores, muitas das vezes acompanhados de enormes bonecos representando figuras humanas (os *gigantontes*). E quer em romarias ou no Carnaval, são motivos de afeto e orgulho para milhões de portugueses e brasileiros.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Jorge Fernandes (1993), *Os Brasileiros: Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*, Dissertação de Doutoramento, Porto, Universidade do Porto.
- ALVES, Jorge Fernandes (2000), "Atalhos batidos: a emigração nortenha para o Brasil", *Atalaia/Intermundos: revista internacional de exegese contemporânea*, nº 6/7, pp. 297–308.
- ARAÚJO, Hiram (2003), *Carnaval: seis milênios de história*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Gryphus.
- ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de (2011), "Os festejos de entrudo no século XIX", *Textos escolhidos de cultura e artes populares*, v. 8, nº 2, pp. 41–55.
- ASSIS, Wendell Ficher Teixeira (2014), "Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo", *Caderno CRH*, v. 27, nº 72, pp. 613–627.
- BALLESTRIN, Luciana (2013), "América Latina e o giro decolonial", *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 11, pp. 89–117.
- BARROSO, Véra Lúcia Maciel (2002), *Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia*, Porto Alegre, EST Edições.
- BICALHO, Maria Fernanda B. (2008), "França Antártica, o curso, a conquista e a 'peçonha luterana'". *História*, v. 1, nº 27, pp. 29–50.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

BRAGA, Alberto Vieira (1972), "Curiosidades de Guimarães", *Revista de Guimarães*, nº 72.

BRAGA, Teófilo (1985), *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, vol. 1, Lisboa, Dom Quixote.

CABRAL, Sérgio (1996), *As escolas de samba do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Lumiar.

CANCLINI, Néstor Garcia (1992), *Culturas híbridas: Estratégias para entrar y salir da la modernidad*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana.

CASCUDO, Luís Da Câmara (2005), *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 10ª ed., Rio de Janeiro, Ediouro.

Revista Direito Hoje (2020), *Curso do Zé Pereira reúne 22 atrações musicais de Teresina* [consulta em 05/01/2023]. Disponível em:

<https://revistadireitohoje.com.br/curso-do-ze-pereira-reune-22-atracoes-musicais-de-teresina/>

CUNHA, Maria Clementina Pereira (2001), *Ecos da folia: uma história do Carnaval carioca entre 1880 e 1920*, São Paulo, Companhia das Letras.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (2002), "Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no Carnaval carioca da virada do século", in Maria Clementina Pereira Cunha (org.), *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*, Campinas, Editora da Unicamp, pp. 371–418.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho (1986), "O Alto Minho em tempo de Festas", *Humanística e Teologia*, vol. 7, nº 3, pp. 251–282.

DINIS, Júlio (2000), *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto, Porto Editora.

EDMUNDO, Luís (2003), *O Rio de Janeiro do meu tempo*, Brasília, Senado Federal.

ESTEVES, Alexandra Patrícia (2019), "Francisco de Paula Rodrigues Alves: O homem, o político e o sanitarista", in Alexandra Patrícia Lopes Esteves (coord.), *Homens, Instituições e Políticas (séculos XVI-XX)*, Braga, Universidade do Minho - Lab2PT, pp. 198–217.

FAZENDA, José Vieira (1921), *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

FARIA, Marcelo Fecunde De (2015), *Zé Pereira: a performance carnavalesca em Itaberaí-GO*. Dissertação de Mestrado, Goiânia, Universidade Federal de Goiás.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

FERREIRA, Felipe (2004), *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*, Rio de Janeiro, Ediouro.

JÚNIOR, Joaquim José de (1957), *Política e Costumes: Folhetins Esquecidos (1867-1868)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

GOMES, Gabriela de Lima (2018), *Protagonismo sociocultural do Zé Pereira do Club dos Lacaios em Ouro Preto/MG*, Tese de Doutorado, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

GUARACY, Thales (2016), *A Conquista do Brasil*, Lisboa, Planeta.

G1 (2018), *Recife e Olinda na noite do Sábado de Zé Pereira*, [consulta em 22/11/2022]. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2018/noticia/recife-e-olinda-na-noite-do-sabado-de-ze-pereira-fotos.ghtml>

HERCULANO, Alexandre (1855), "Viagens no Minho", *O Panorama*. vol. 12, n.º 41, pp. 322-325.

IBGE - Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (2023), *Censos demográficos*, [consulta em 15/01/2023]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v3.pdf

LEÇA, Armando (1942), *Da Música Portuguesa*, 2ª ed., Porto, Livraria Educação Nacional.

LIMA, Manoel de Oliveira (1996), *Dom João VI no Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Topbooks.

LOPES, Nei (2003), *Sambeabá: o samba que não se aprende na escola*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra.

LOUREIRO, José Carlos de Magalhães (2002), "A participação popular nas manifestações religiosas e o discurso das elites urbanas oitocentistas", *Cadernos Vianenses*, vol. 32, pp. 143–170.

MAURO, Frédéric (1991), *O Brasil no tempo de dom Pedro II: 1831-1889*, São Paulo, Companhia das Letras: Círculo do Livro.

MATTOS, Vitor Padilha (2022), *Das romarias ao Carnaval brasileiro: a trajetória do Zé Pereira no Rio de Janeiro (1850-1910)*, Dissertação de Mestrado, Braga, Universidade do Minho.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

MEIRELLES, Juliana Gesuelli (2017), *Política e cultura no governo de Dom João VI: imprensa, teatros, academias e bibliotecas (1792-1821)*, São Bernardo do Campo, EdUFABC.

MORAES, Eneida de (1958), *História do Carnaval Carioca*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

São Bento Turismo (2023), *Museu do Zé Pereira*, [consulta em 05/01/2023]. Disponível em https://saobentotur.com.br/_cultura/museu-do-ze-pereira.

NEVES, César Das (1895), *Cancioneiro de Músicas Populares*, vol. II, Porto, Editora Cesar, Campos & C.^a.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (2000), *Instrumentos Musicais Populares Portugueses*, 3^a ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

PEDERNEIRAS, Mário (1907), "Tradições", *Kosmos*, IV série, nº 2, 18-19.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (1993), *O Carnavas das Letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira (1992), *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*, São Paulo, Brasiliense.

QUIJANO, Aníbal (2005), "A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas" in Edgardo Lander (org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, Buenos Aires: CLACSO, pp. 107–130.

RALHA, Jorge (2016), "À espera do Carnaval de Torres: um curso por Lisboa, Porto, Nice e Torres Vedras, com um saltinho ao Rio de Janeiro (sem samba)", in Carçós Guardado da Silva (ed.), *Carnaval: história e identidade*, Lisboa, Colibri, pp. 127–157

RODRIGUES, Teresa F. & FERREIRA, Olegário A. Vieira (1991), "As cidades de Lisboa e Porto na viragem do século XIX - características da sua evolução demográfica: 1864-1930", in *Congresso «O Porto de Fim do Século (1880-1910)»*, Porto, Universidade do Porto, pp. 297-324.

SCHWARCZ, Lilia Moritz & STARLING, Heloisa Murgel (2018), *Brasil: uma biografia*, 2^a ed., São Paulo, Companhia das Letras.

SEVCENKO, Nicolau (1999), *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*, São Paulo, Scipione.

Vitor Padilha Mattos – *No século XIX, os Zé Pereiras atravessam o Atlântico e transformam o Carnaval brasileiro*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 13 nº 1 2023. 6-29. DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist13_1a2

SILVA, Leonardo Dantas (2000), *Carnaval do Recife*, Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife.

SILVEIRA, Mariela Felisbino da (2010), "ATRÁS DO ZÉ PEREIRA SÓ NÃO VAI QUEM JÁ MORREU": PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL NA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA LAPA DO RIBEIRÃO DA ILHA, Monografia, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano (2002), Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na corte do Rio de Janeiro (1808-1890), in Maria Clementina Pereira Cunha (org.), *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*, Campinas, Editora da Unicamp, pp. 281–307

TINHORÃO, José Ramos (1991), *Pequena história da música popular: da modinha à lambada*, 6ª ed., São Paulo, Art Editora.

VIEIRA, José Augusto (1886), *O Minho Pittoresco*, II Vol., Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira.

XAVIER, Felipe Araújo (2010), *O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais (1907 - 1979)*, Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora.

WORDSWORTH, Dorothy (2020), *Diário de uma viagem a Portugal e ao sul de Espanha*, Alfragide, Edições Asa II.